

Capítulo 8

PERCURSO HISTÓRICO DAS FORMAÇÕES PARASSINTÉTICAS A-X-ECER E E/N/-X-ECER: PRODUTIVIDADE E POLISSEMIA

Caio Cesar Castro da Silva

Ana Carolina Mrad de Moura Valente

Carlos Alexandre Gonçalves

Maria Lúcia Leitão de Almeida

Neste capítulo, fazemos uma análise longitudinal de duas construções parassintéticas do português: a-X-ecer e e/N/-X-ecer¹. Partindo da hipótese de que a formação a-X-ecer se fossilizou, enquanto e/N/-X-ecer se manteve produtiva ao longo da história da língua, foram feitas recolhas em *corpora* informatizados do português e aplicados testes psicolinguísticos a falantes da faculdade de Letras da UFRJ. Por fim, baseados em Lakoff (1987), propusemos uma rede radial, com o intuito de comprovar a hipótese.

O corpus: do levantamento de dados à constituição

Como o objetivo do capítulo é fazer uma descrição histórica das construções parassintéticas a-X-ecer e e/N/-X-ecer, a primeira etapa da pesquisa consistiu na recolha de dados pelos dicionários eletrônicos Houaiss (HOUAISS, 2001) e Aurélio (HOLANDA, 1999). De posse dos dados, observamos que

¹ Optamos por representar a parte inicial da construção por e/N/, com uma nasal não-especificada para ponto de articulação, para abrigar as diferentes realizações de superfície dessa sequência, grafadas com <m> ('empobrecer'), com <n> ('entardecer') e sem segmento nasal ('enobrecer').

algumas palavras, embora sejam formadas por construções diferentes (*abrutecer* X *embrutecer*, *abranquecer* X *embranquecer*), apresentam a mesma base, o que nos levou a investigar (cf. VALENTE *et alii*, 2009) se possuem acepções distintas ou se veiculam o mesmo significado.

De acordo com o dicionário Houaiss, os vocábulos *abrutecer* e *embrutecer* significam ambos, *tornar-se bruto*; de modo análogo, *abranquecer* e *embranquecer* também são consideradas sinônimas no referido dicionário, já que remetem ao significado *tornar-se branco*. A partir de testes informais com falantes do português, Valente *et alii* (2009) observaram que apenas um vocábulo de cada par (*embrutecer* e *embranquecer*, respectivamente) foi reconhecido pelos informantes, o que nos levou a excluir da análise os formados pela construção parassintética a-X-ecer, considerada improdutiva no português contemporâneo.

Soma-se a essa co-ocorrência de vocábulos, que veiculam o mesmo significado, o baixo contingente de formas a-X-ecer em português. O gráfico abaixo sintetiza a distribuição dos dados analisados no presente trabalho:

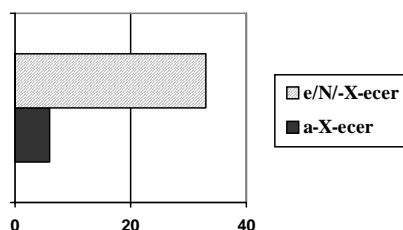


Gráfico 1: Distribuição das duas construções no *corpus*

O gráfico 1 demonstra que a distribuição dos dados não é regular, pois para a-X-ecer é observado um número mínimo de ocorrências (6 formas), ao contrário do que acontece com e/N/-X-ecer, que apresenta maior número de formas transparentes na língua (33 palavras).

Os questionamentos que se projetam, a partir dessas indicações, são os seguintes:

- 1) por que o grupo e/N/-X-ecer apresenta maior quantidade de dados?;
- 2) por que razão as palavras formadas a partir de e/N/-X-ecer apresentam maior aceitabilidade entre os falantes?;
- 3) o que teria ocorrido com essas construções ao longo da história do português?; e, por fim,
- 4) essas formações apresentam a mesma produtividade nos dias atuais?

Análise histórica dos grupos a-X-ecer e e/N/-X-ecer

Baseados nas evidências assinaladas – (a) a-X-ecer e e/N/-X-ecer apresentarem alguns vocábulos formados a partir de uma mesma base e (b) o segundo grupo ter uma lista mais extensa de dados que o primeiro –, pretendemos analisar longitudinalmente essas construções lexicais, conferindo, nos dicionários etimológicos consultados (CUNHA, 1999; MACHADO, 1973; NASCENTES, 1955; SILVEIRA BUENO, 1967), a datação proposta para cada uma das formas do *corpus*.

Os primeiros vocábulos parassintéticos com a terminação ‘-ecer’ datam do século XIII, concomitante ao surgimento dos primeiros registros escritos em língua portuguesa (cf. TEYSSIER, 2007), e são formados pelas construções lexicais aqui contrastadas. Dessa forma, ambas concorrem entre os séculos XIII e XVI, sendo este o estágio em que consideramos as duas construções produtivas na língua. No gráfico a seguir, registramos o número de formas do século XIII ao século XX:

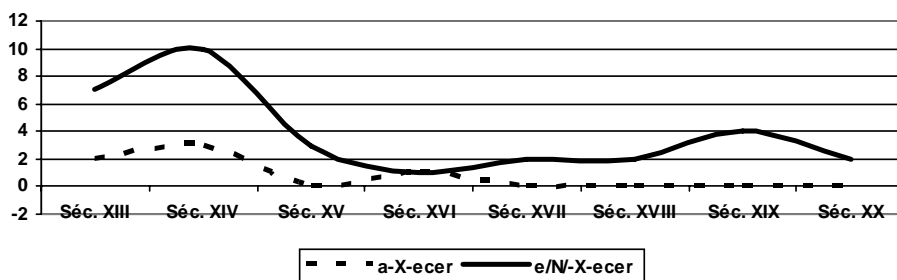


Gráfico 2: Datação dos dados do *corpus*

Com base no gráfico 2, pode-se observar o processo histórico de criação de novas palavras com os dois circunfixos. A linha cheia, referente à construção e/N/-X-ecer, mostra que esse processo de formação atingiu seu ápice no século XIV e, desde então, começou a decair em direção à construção a-X-ecer, que manteve seu baixo padrão até o século XVI. Dessa data em diante, não se formam mais vocábulos a-X-ecer, ao contrário do que acontece com e/N/-X-ecer, que continuou produtivo na língua. As curvas, guardadas as devidas proporções, assemelham-se até o século XVI, o que remete ao fato de terem sido concorrentes durante o período destacado.

Além disso, a observação das aceções dos prefixos envolvidos também apoia a explicação para o fato de ter havido co-ocorrência de formas. O prefixo

‘a-’ tem o significado de *aproximação; em direção a (base)*, enquanto ‘e/N/-’ indica *transformação, movimento sobre*, mas também pode significar *aproximação; em direção a (base)*. Justifica-se, assim, o fato de, nesse primeiro estágio (do século XIII ao XVI), algumas palavras, apesar de apresentarem a mesma base e veicularem o mesmo significado, serem formadas por construções diferentes. Conforme Valente *et alii* (2009), *as duas estruturas veiculavam, pois, o mesmo sentido (...). Segundo esse princípio (o da Economia Linguística), os falantes tendem a adotar uma das estruturas que estão em concorrência no sistema linguístico, enquanto a outra se cristaliza* (grifo nosso).

Aplicando a citação à competição entre os grupos parassintéticos, o falante parece ter optado por e/N/-X-ecer, que, ao longo dos séculos, produziu novas formações e apresentou extensões metafóricas, enquanto a-X-ecer se fossilizou morfológicamente².

A fim de cotejar as mudanças entre as construções de parassíntese investigadas, buscamos dados em textos escritos do século XII ao XIX, pois, caso nossa hipótese de cristalização do grupo a-X-ecer esteja correta, registros mais antigos na língua seriam favoráveis tanto às formas e/N/-X-ecer quanto às estruturas a-X-ecer. Dito de outra forma, buscamos comprovar se, nos séculos em que essas construções estiveram em concorrência, haveria uma aproximação na quantidade de vocábulos em ambas as formações. Entretanto, à medida que a-X-ecer deixasse de ser produtivo, a quantidade de novas formações deveria, também, diminuir nos textos. Em relação a e/N/-X-ecer, os dados deveriam constar durante todo o período pesquisado, indiciando que esse formativo foi sempre produtivo, ao contrário do que esperávamos acontecer com a-X-ecer.

Vale ressaltar que, nesta análise, não estamos levando em consideração as inúmeras ocorrências de um vocábulo (frequência de *tokens*), mas sim a aparição de diferentes palavras (frequência de *types*), pois, se controlássemos todas as aparições de verbos em ‘-ecer’ nos textos, não estaríamos analisando a produtividade das formações. Nossa recolha de dados foi feita nas bases de consulta dos projetos *Corpus* Informatizado do Português Medieval (disponível em cipm.fcsb.unl.pt), *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe (disponível em www.tycho.iel.unicamp.br) e peças teatrais do Labor Histórico (disponível em

² A fossilização morfológica de a-X-ecer não impede a mudança semântica nos derivados, pois as palavras já existentes se especializaram via metáfora. A especialização de a-X-ecer pode ser exemplificada com o vocábulo *amortecer*, que já não se relaciona mais ao significado primário de *tornar-se morto*, significando, hoje, *perder a intensidade*.

letras.ufjf.br/laborhistorico). Foram consultados (a) 52 textos do Corpus Tycho Brahe, (b) 12 peças teatrais, (c) mais de 400 cantigas de escárnio e maldizer e (d) textos que vão desde o *Testamento de D. Afonso II* à *Crônica Geral de Espanha*, e desde *Documentos Notariais* à *Demanda do Santo Graal*.

Ao término da recolha, os dados passaram por um processo de seleção a fim de que fossem agrupados por século. Separaram-se, também, as várias ocorrências de um mesmo vocábulo, como já foi dito, restando, então, 45 construções parassintéticas, sendo 32 formadas pelo modelo e/N/-X-ecer e apenas 13, pela estrutura a-X-ecer.

Não foram encontrados dados nos textos do século XII, conforme nossas expectativas. Segundo os etimologistas, as primeiras datações das formas parassintéticas são do século XIII e foi a partir desse século que encontramos dados nos textos que compõem nosso *corpus*. O gráfico abaixo mostra a aparição dos dados nos textos coletados:

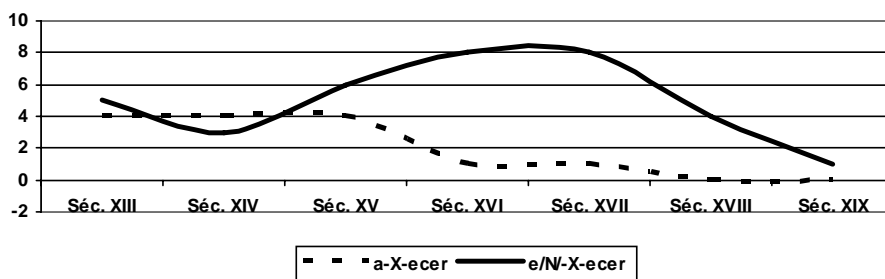


Gráfico 3: Dados em textos históricos do português

Pelo gráfico, verificamos que, do século XIII ao século XV, os dois grupos de fato se mantiveram em competição, uma vez que não há muita oscilação nos resultados. Do século XVI em diante, há uma vertiginosa separação entre as linhas: a-X-ecer se torna improdutivo, enquanto, inversamente, e/N/-X-ecer cria novos vocábulos, confirmando, assim, nossa hipótese inicial.

Para fornecer outro conjunto de evidências sobre essa hipótese, faremos, a seguir, um exame das extensões semânticas das construções, pois, se houve fossilização de um grupo e produtividade de outro, os mapeamentos, i.e., as projeções de uma estrutura em outra com correspondência entre seus elementos (cf. SILVA, 2006), refletirão essas diferenças. Observando as extensões de sentido dos formativos, distribuímos os vocábulos em campos semânticos,

aqui apresentados em estruturas radiais (cf. LAKOFF, 1987). Começemos pela rede radial de a-X-ecer.



Figura 1: Rede de a-X-ecer

Com base no *corpus*, estabelecemos a rede de a-X-ecer na figura 1, que apresenta apenas um campo semântico, chamado de *Processo sem causador externo*, e pode ser exemplificado pelos vocábulos *amadurecer*, *amanbecer*, *amolecer*, *amortecer*, *anoitecer* e *apodrecer*. O valor aspectual de processo do circunfixo alia-se ao fato de nenhuma das ações descritas pelas palavras serem causadas, ou seja, possuírem um agente externo que interfira em sua realização. Assim, a passagem da noite para o dia, descrita por *amanbecer*, constitui evento natural, sem força externa causadora, do mesmo modo que uma fruta *amadurece* naturalmente.

O estudo das palavras formadas por e/N/-X-ecer revelou a existência de outros campos semânticos, além do postulado para a rede de a-X-ecer, como podemos observar na estrutura radial abaixo. Temos, com isso, uma evidência da especialização daquela construção em face desta. Observe:

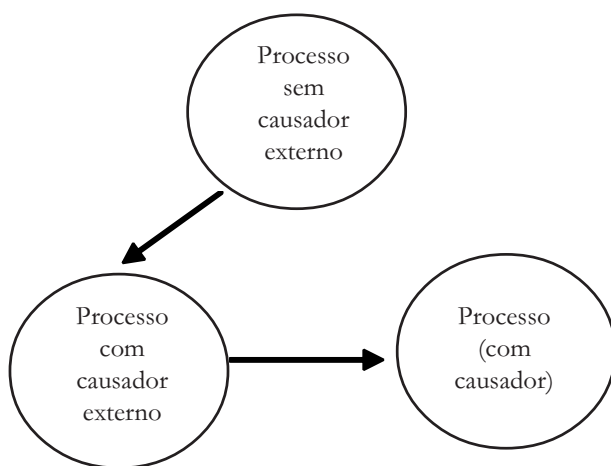


Figura 2: rede radial de e/N/-X-ecer

A rede radial de e/N/-X-ecer apresenta o mesmo campo semântico prototípico que a rede de a-X-ecer, *Processo sem causador externo*, o que, no nosso entendimento, constitui reflexo do período em que as construções co-existiram produtivamente. Entretanto, na análise de e/N/-X-ecer, esse campo espria-se para *Processo com causador externo* que, diferentemente do anterior, pressupõe uma causa. Assim, o processo de *enriquecer* pode ser motivado por um roubo, recebimento de herança ou sorteio em loteria, entre outros agentes detonadores. De modo análogo, *enrouquecer* pode ter por causa gritar em um show, falar constantemente, dor de garganta, tomar gelado etc. Dizendo de outra forma, nesse campo, os eventos descritos pelas palavras não ocorrem naturalmente, pressupondo um agente externo para sua realização.

Em seguida, e/N/-X-ecer projeta-se para o campo *Psicológico*, que apresenta os vocábulos *enlouquecer*, *empalidecer*, *embrutecer* e *enfurecer*. Observamos, então, com o mapeamento da rede, que ocorre uma conexão sistemática de um domínio mais físico para um domínio mais psicológico, ou seja, do [+ concreto] para o [+ abstrato]. De acordo com Sweetser (1990: 19), *verbos de domínios físicos frequentemente vêm a ter significados de atos de fala e/ou estados mentais, (...) enquanto as direções contrárias de mudança não ocorrem*. Essas projeções do [+ concreto] para o [+ abstrato] não são aleatórias, mas motivadas cognitivamente. Lakoff (1987, 91) afirma que *o modelo central determina as possibilidades de extensões, juntamente com as relações possíveis entre o modelo central e os modelos extensionais*. Dessa forma, o centro prototípico da rede, i.e., o campo *Processo sem causador externo*, possibilita as projeções para campos mais periféricos.

Além disso, podemos observar que a estrutura do circunfixo e/N/-X-ecer é polissêmica, pois ainda segundo Sweetser (1990), nenhuma mudança histórica de significado pode ocorrer sem que haja um estágio de polissemia. Assim, a especialização semântica que se percebe na figura 2 reflete a mudança histórica pela qual passou a parassíntese, sendo essa mais uma evidência em favor de nossa hipótese inicial.

Com as redes, pudemos visualizar melhor a cristalização da construção a-X-ecer, que só apresenta o domínio mais básico (físico/natural), e a produtividade de e/N/-X-ecer, que se estende para outros domínios, cada vez mais abstratos. Além disso, o fato de ambas as construções apresentarem o mesmo campo semântico prototípico indica que, realmente, elas estiveram em concorrência durante alguns séculos.

Resolvemos, por fim, observar se o circunfixo a-X-ecer se fossilizou, ou se ainda poderia formar novas palavras no estágio atual da língua. Para isso, aplicamos testes psicolinguísticos (cf. LIMA, 1999) em 23 informantes, todos entre 18 e 25 anos, alunos de graduação na Faculdade de Letras da UFRJ. Nosso objetivo com os testes foi verificar se o falante nativo produziria palavras novas a partir da construção a-X-ecer ou de e/N/-X-ecer. Para tanto, utilizamos vocábulos criados por nós, a partir de bases nominais, intercalando entre substantivos e adjetivos. Exemplos dessas criações aparecem em (01), a seguir:

- | | | |
|------|----------------------------|--------------------------|
| (01) | agatecer/engatecer | anerdecet/enerdecet |
| | abanguelecer/embanguelecer | acornecer/encornecer |
| | apintosecer/empintosecer | agostosecer/engostosecer |

Foram confeccionados três testes com dez sentenças cada. Dessas dez, seis continham dados parassintéticos e as outras funcionaram como distratores. Em cada uma das sentenças, havia uma lacuna que deveria ser preenchida pelo falante em seu cartão-resposta. Os distratores foram necessários para que os informantes não ficassem condicionados a responder apenas as opções mais assemelhadas. Um fragmento que exemplifica o teste encontra-se em (02):

- (02) Meu avô está _____ com o passar do tempo.
(a) abanguelecendo
(b) embanguelecendo

Assim, o falante devia marcar um X nas colunas A e B do cartão-resposta, caso considerasse mais adequado o vocábulo em (a) ou em (b), nesta ordem. Foram necessários três testes para que pudéssemos controlar a maior quantidade de dados, assim como evitar que um informante comentasse o teste para outro(s).

Enquanto o informante realizava o teste, um dos autores controlava o tempo que era projetado na tela do computador. Para cada uma das sentenças aplicadas, foi observado quanto tempo o falante levava para chegar a uma resposta, ou seja, quantos segundos eram dispensados por ele até que fosse capaz de fazer algum juízo sobre o que lhe era apresentado. Buscamos saber, dessa forma, qual o tempo de processamento das duas estruturas para um falante do português brasileiro do século XX.

Para a aplicação dos testes, que foram realizados individualmente para que não houvesse interferência nas respostas, foram necessários o auxílio de um computador e um aparelho de *Data Show*. Tivemos, então, nove informantes no teste 1, sete no teste 2, e sete no teste 3. Controlamos 18 formações parassintéticas e tivemos 138 respostas, no total. No gráfico abaixo, observa-se a preferência dos entrevistados em relação às construções lexicais analisadas:

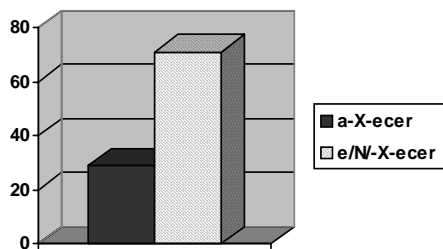


Gráfico 4: escolha das construções nos testes

Com base no gráfico acima, pudemos perceber que somente 29% das opções (40 respostas) foram para o circunfixo a-X-ecer. Por outro lado, e/N/-X-ecer recebeu 71% das opções (98 respostas), apontando para a preferência do falante em relação à segunda construção apresentada.

Além disso, controlamos o tempo para cada uma das respostas, pois, caso e/N/-X-ecer realmente estivesse disponível para fins lexicais nos dias de hoje, o tempo de processamento em suas respostas seria menor. Em outras palavras, esperávamos que houvesse um tempo menor de processamento nos casos em que o falante optasse por e/N/-X-ecer.

O tempo médio para o processamento dos dados (excluindo-se os distratores) foi o seguinte: 9,2 segundos no teste 1; 8,02 segundos no teste 2; e 10,07 segundos no teste 3. A distribuição dos tempos médios de a-X-ecer e e/N/-X-ecer é disponibilizada no quadro abaixo:

Tempo Médio		
	a-X-ecer	e/N/-X-ecer
Teste 1	10,4 segundos	8,3 segundos
Teste 2	8,3 segundos	7,8 segundos
Teste 3	10,3 segundos	9,5 segundos
Total	9,7 segundos	8,5 segundos

Observando os resultados, percebemos que a média de tempo de e/N/-X-ecer é bem inferior que a do outro grupo, assim como a média total revela uma grande discrepância: 1,2 segundos de diferença entre as duas construções investigadas. Essa diferença de tempo revela que e/N/-X-ecer é mais aceita pelos falantes, visto que é ativada mais rapidamente que a outra, validando a hipótese de ser mais disponível para fins lexicais.

Com os testes, encontramos mais duas evidências para a fossilização de a-X-ecer: a baixa escolha entre os falantes do português (29% contra 71% de preferência por e/N/-X-ecer) e o tempo maior de processamento (1,2 segundos a mais) sugerem a improdutividade das formas verbais em ‘-ecer’ iniciadas por ‘a-’. Se a-X-ecer fosse uma construção produtiva, os resultados obtidos não seriam tão diferentes em relação ao outro circunfixo analisado. Assim, propomos que essa construção se fossilizou, uma vez que os falantes de hoje não mais a reconhecem como prototípica e preferem a outra para formar novos vocábulos na língua.

Palavras finais

Com base no presente capítulo, pudemos comprovar a nossa hipótese inicial de que a construção parassintética a-X-ecer se cristalizou em benefício de e/N/-X-ecer pelos argumentos apresentados ao longo da exposição, sendo o principal deles o de que aquela construção deixou de formar novos vocábulos na língua, enquanto esta continuou se especializando e produzindo novo léxico.